



GT 21. Buscando a vida em paisagens incertas

Coordenador(es):

Federico Neiburg (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Thomas Jacques Cortado (Unicamp)

Sessão 1

Debatedor/a: Thomas Jacques Cortado (Unicamp)

Sessão 2

Debatedor/a: Rodrigo Charafeddine Bulamah (UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo)

Sessão 3

Debatedor/a: Federico Neiburg (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Nos últimos anos, a antropologia tem se engajado em uma crítica etnográfica ao conceito de vida, questionando binarismos que opõem vidas biológicas e vidas biográficas, naturais e sociais, os universos da vida e da morte, das vidas humanas e mais-que-humanas. Esses questionamentos ganham urgência diante de processos contemporâneos como a dessalarização do trabalho, a precarização do emprego, a carestia, as crises ambientais, o deslocamento de populações, colocando em jogo os conceitos de sobrevivência e de vida plena, de sorte, destino e força que informam as diferentes formas de se virar na vida. Interessa-nos enriquecer essa crítica de forma comparativa, aproximando contextos globais nos quais pessoas e coletivos buscam suas vidas (se viram, hacen sus vidas, make their living, chache lavi) em quadros de agudas mudanças que embaralham dimensões políticas, econômicas e ambientais. Buscamos assim revisar o próprio conceito de incerteza, retomando questões clássicas como as relações entre estrutura e conjuntura ou entre ordinário e extraordinário. Inspirados pelo tema do congresso, pensando não só saberes, mas também práticas insubmissas, convidamos a refletir de que forma as paisagens incertas envolvem perturbações nas perspectivas temporais, enquanto estados passageiros ou permanentes, compondo espaços de experiência ou horizontes de expectativas, interagindo com as relações entre gerações, mobilizando metáforas e analogias ou produzindo novos conceitos e formas associativas.

ESTRATÉGIAS DO NÃO MORRER EM PAISAGENS INCERTAS: práticas para viver em garimpos ilegais de ouro ou para pesquisar garimpeiros diante do risco da malária na região transfronteiriça guiano-amapaense

Autoria: Rejane Valvano Corrêa da Silva (UFMA - Universidade Federal do Maranhão)

A região em torno da fronteira Amapá-Guiana Francesa tem fluxo de pessoas, remédios, doenças, animais, dinheiros. Alguns são moradores mais estáveis da região, outros chegam já pensando em sair. A exploração de ouro acontece de maneira (in)formal e um dos desafios à vida encontrados pelos humanos é a malária, doença infecciosa, causada por protozoários parasitários, transmitida pela picada do mosquito Anopheles, que pode levar à morte. A procriação dos Anopheles é ideal numa região com muitos rios e com o desmatamento, é favorecida. Do ponto de vista biomédico, para o tratamento da malária ser eficaz é preciso tomar a medicação por vários dias. Na prática, muitos maláricos não levam o tratamento até o fim. Além disso, é possível demorar até 6 meses para apresentar os sintomas da doença. Vários agentes sociais que se deslocam para essa fronteira a fim de trabalharem nesses garimpos, vêm do Maranhão. Como circulam bastante, acontece de apresentarem a doença quando retornam àquele Estado. Penso essa região transfronteiriça como um ?não lugar? (M. Augé), posto que a mineração em campos ilegais não pode durar



muito tempo a fim de fugirem dos fiscais sendo assim um ?lugar de passagem?. Os mineradores buscam ganhar a vida arriscando-se e desafiando as incertezas, normalizando ?quase eventos? e tendo energia para reverter infortúnios (V. Das), passam a fazer parte dessa paisagem, cujo ouro surgiu ao longo de todo um processo de anos, e os mosquitos habitam e são agentes (T. Ingold). Os que saem do Maranhão com expectativas de ganhar dinheiro vendendo ouro e voltar para casa vivo, tem a ?certeza? de que conseguirão algo melhor do que ficar parado em casa. A partir do que vivenciam nesses ?não lugares? alguns desistem da mineração e optam por outros works. Assim, interessa-me analisar as diferentes formas de vida vividas nesses ?não lugares?, focando nas escolhas. Estou dividindo os agentes sociais estudados nesta pesquisa em dois perfis: a) os mineradores ilegais, geralmente muito precarizados, que vivem na ilegalidade e na insubmissão aos outros; b) os pesquisadores universitários que exercem seu work legalmente, em melhores condições, e escolhem pesquisar em (não) lugares onde a malária é uma das incertezas. Ambos interagem nesta paisagem, assim como o ouro e os mosquitos. Para realizar a pesquisa, que ainda está em andamento, foram feitas conversas informais através de entrevistas semi-estruturadas com pesquisadores locais realizadas por mim em março de 2019 e análise da dados produzidos por terceiros. Para obtenção dos dados destes, foram analisados textos acadêmicos publicados entre 2000 e 2019 na área de ciências biológicas e sociais com works de campo realizados em postos de saúde ou em cidades nessa região transfronteiriça.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: